

Referência: <http://jornal.publico.pt/2004/09/25/Ciencias/H01.html>

Peste Negra Pode Ter Sido Provocada por um vírus hemorrágico

Edição de sábado, 25 de Setembro de 2004 do
Jornal PÚBLICO.

Durante anos Christopher Duncan, professor jubilado da Universidade de Liverpool e especialista em epidemiologia, analisou os registos de óbito da Idade Média existentes nas igrejas de Inglaterra. O objectivo era elaborar um aprofundado estudo demográfico. Mas acabou por seguir outro caminho - a causa da peste negra, que dizimou 40 por cento da população europeia, pode ter sido um vírus hemorrágico e não a bactéria "Yersinia pestis", como se acreditou durante anos. Por Ana Machado

Quando é que os manuais escolares de história poderão mostrar aos alunos que há, no mínimo, uma explicação alternativa sobre a origem da famosa peste negra? Christopher Duncan gostava que isso já fosse uma realidade. Mas acha que não verá isso em vida. Em conjunto com a investigadora Susan Scott (co-autora, com Duncan, do livro "The Return of the Black Death: The World's Greatest Serial Killer"), o epidemiologista é pai de uma nova teoria sobre a causa da peste negra, que dizimou a população europeia durante quase quatro séculos. Veio ontem a Lisboa para uma iniciativa do Museu de Farmácia sobre doenças com história, que a instituição vai desenvolver nos próximos meses. Para este especialista, a tese secular de que se trataram sempre de epidemias de peste bubónica, com os ratos e as pulgas como vilões principais, nem em todos os casos faz sentido. De acordo com as características da doença e com as consequências demográficas que teve, Duncan defende que se tratou de uma doença não provocada por uma bactéria como a "Yersinia pestis", mas por um vírus do tipo hemorrágico, como o Ebola, por exemplo, apesar de ter algumas características diferentes. Teria vindo de África, pelo vale do rio Nilo, afectando toda a Mesopotâmia, a região do actual Médio Oriente, o Império Otomano e depois a Europa pelas rotas do comércio. Chamou-lhe peste hemorrágica. E a comunidade científica não lhe perdoou.

PÚBLICO - Como começou o seu interesse sobre as verdadeiras causas da peste negra?

Christopher Duncan - Tudo aconteceu de modo accidental. Estava a trabalhar com Susan Scott em estudos demográficos e modelos matemáticos que os apoiavam numa pequena cidade do Noroeste de Inglaterra. Trabalhámos 12 anos com os registos das igrejas (casamentos, nascimentos e mortes). São um instrumento precioso de informação sobre a idade média. Verificámos então que a cidade tinha sido

assolada, em 1597 e 1598, por uma praga, a que chamavam a pestilência. Só sabíamos que as pessoas tinham morrido de peste porque era o que estava indicado à frente de cada óbito. Mas verificámos que os óbitos ocorriam num raio de vários quilómetros de distância, mais de 40 quilómetros, o que na altura era muito para uma doença se propagar, por exemplo, por ratos ou pulgas, que eram os vectores mais apontados. Sei, porque sou zoólogo, que uma ratazana, como a que era apontada como o vector da peste bubónica, não se movimenta num raio de acção tão grande. Aprofundámos então o estudo sobre a origem das pestes. Foi assim que tudo começou. Concluimos que não se pode construir a demografia da Idade Média com base na peste negra. Mas podemos fazê-lo com base na peste hemorrágica.

P - Mas percorreram um longo caminho até chegar a estas conclusões.

R - Sim, é um facto. Em 1990 vimos o que podíamos ter em mãos. Mas estávamos tão ocupados com o trabalho de demografia que não tínhamos tempo para prestar muita atenção aos dados. Só em 1995, talvez, é que demos mais atenção a este assunto. Em 2001 publicamos o primeiro livro. Mas ficámos muito tristes com o ostracismo a que nos relegaram.

P - Deve ser muito difícil para uma comunidade científica que sempre acreditou numa teoria ver que, afinal, podia estar errada. Como reagiram os pares?

R - Muito mal! (risos) Devo dizer que já outros autores, desde a década de 70, tinham lançado algumas hipóteses sobre uma origem diferente da peste negra. Foram desacreditados pelos historiadores e universidades só porque se atreveram a sugerir que a peste negra podia não ser peste bubónica. A comunidade científica é o problema. Entendem que toda a sua reputação cai por terra, porque passaram a vida a construir uma explicação sobre algo que se recusam a assumir como errado. Não é possível vencer as verdades estabelecidas, não numa vida útil.

P - Como chegou à hipótese da febre hemorrágica como causa da peste negra?

R - Primeiro analisámos todos os argumentos a favor da peste bubónica, mas não nos convenciam. Depois tentámos fazer ver aos outros por que não eram convincentes. Quando vimos tudo com outros olhos - depois de tudo o que aprendemos com a doença, com a história das pestes -, esquecemos a peste bubónica, os ratos, as pulgas. Tentámos montar todas as peças. Não defendemos que é uma febre hemorrágica, do tipo

Ebola. Mas tem as mesmas características. Por isso chamamos-lhe peste hemorrágica. Para as pessoas da altura, as pestes vinham de nenhures. Não se sabia nada sobre vírus, bactérias, infecções. Acreditavam que bastava olhar para alguém infectado para cair prostrado. Era uma maldição divina. É certo que estabeleceram a quarentena, o isolamento, que foram coisas importantes. Perceberam que, se queriam evitar a propagação da doença, tinham de proibir a entrada de estrangeiros nas cidades. Tudo vinha através dos comerciantes. Começaram a fazer registos dos viajantes, uma espécie de passaporte primário, para garantirem que não vinham de algum país contaminado. Foram passos na direcção certa.

P - Como é que o estudo da dinâmica da peste negra ou da peste hemorrágica pode ajudar a estudar a dinâmica das pestes e das doenças emergentes, ou novas, do século XX e XXI?

R - As doenças emergentes são um grande problema com que os epidemiologistas se confrontam hoje. Desde a década de 70 que se verificou o aparecimento de mais de 30 doenças emergentes. O vírus do Nilo Ocidental, o Ebola, o Marburgo... E depois há o HIV. Todas com características diferentes. A própria gripe sofre mutações todos os anos. Com a agravante de que hoje os transportes, principalmente o avião, fizeram com que estas doenças se propagassem a uma velocidade incrível. Na Idade Média as pessoas não conseguiam fazer 30 quilómetros em dois dias para contaminar outra aldeia. Por isso, a minha resposta sobre em que é que a dinâmica das pestes nos ajuda a compreender a situação actual só pode ser uma: em nada.

P - Cientistas já provaram que mutações ao nível de um receptor celular envolvido no HIV, e que são a causa da resistência de algumas populações do Norte da Europa à doença, foram herdadas de mutações provocadas pela peste negra.

R - Sim. Uma única mutação, que terá surgido por volta de 2000 anos a.C., fez com que as populações se tornassem muito resistentes. Em média, dez por cento das pessoas têm esta mutação. São cinco por cento em Portugal. Mas na Escandinávia a frequência é de 40 por cento. Imagine-se que o HIV matava agora todas as pessoas que não tivessem esta mutação. Só as pessoas resistentes seguiriam em frente. Se não havia HIV em 2000 a.C., deve ter havido algo, alguma doença, que trouxe esta resistência até hoje. Pensamos que foi a peste hemorrágica. A propagação da peste e a pressão que exerceu na nossa carga genética actuou como uma força apelativa a esta mutação. Mas algo teve de servir de força de impulso na Escandinávia. A peste perdurou mais na Alemanha Central e na Escandinávia por mais 150 anos do que no resto da Europa. Perdurou até 1840. Daí a resistência ser mais comum nesta região.

P - Acha que um dia verá esta sua teoria alternativa nos manuais de história?

R - Bom, acho que eles revêem o conteúdo dos livros de 20 em 20 anos, não é? Ainda falta algum tempo! (risos) Não será durante a minha vida, estou certo. Se virmos como a comunidade científica, os historiadores, tentaram, ao longo da história, marginalizar todos os que sugeriram alternativas à peste bubónica, é muito frustrante. Há sempre alguém pronto a dizer que o que defendemos é lixo. ▲